

BALANÇO DA ARQUEOLOGIA BRASILEIRA
- GOIÁS -

ALTAIR SALES BARBOSA

Este trabalho, reúne informações sobre o andamento das pesquisas arqueológicas desenvolvidas no Estado de Goiás. O período de avaliação compreende desde 1972, ano em que iniciaram sistematicamente as pesquisas no Estado, até 1982.

O objetivo é apresentar dados para balanço, por isso, foram omitidos comentários sobre orientações teóricas, metodologias e explicações maiores para os problemas.

PROGRAMAS E PROJETOS DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS

Foram desenvolvidos ou estão em desenvolvimento no Estado de Goiás, vários projetos de pesquisas arqueológicas. A Universidade Católica de Goiás, desenvolveu o "Programa Arqueológico de Goiás", o qual compõe-se de oito projetos de pesquisas. A Universidade Federal de Goiás, desenvolve o "Projeto Anhanguera de Arqueologia de Goiás" e o "Projeto Bacia do Paranã".

PROGRAMA ARQUEOLÓGICO DE GOIÁS

O Programa Arqueológico de Goiás, o mais antigo Programa de pesquisas executado pelo Instituto Goiano de Prê-História e Antropologia, surgiu em 1972 a partir de convênio entre a Universidade Católica de Goiás e o Instituto Anchietano de Pesquisas da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - RS. Foi integralmente aprovado, pelo então Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN e Conselho Nacional de Pesquisa - CNPq, instituições nacionais, que apoiam a sua execução; esporadicamente tem recebido ajuda do Governo do Estado de Goiás e externamente, recebe a colaboração da Smithsonian Institution of Washington, que processa as amostras de C-14.

O Programa em sua primeira etapa, compreendeu o período de 1972 a 1979. Atualmente, já está em execução a segunda etapa, cuja duração estender-se-á até 1989. Para execução desta etapa, o Programa conta com o suporte da Secretaria do Patrimônio His

tórico e Artístico Nacional - SPHAN/Fundação Nacional Prô-Memória, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, permanecendo nos mesmos termos a colaboração da Smithsonian Institution of Washington.

Quando, em princípios de 1972, se iniciaram os preparativos para a implantação de um programa de pesquisas arqueológicas no Estado de Goiás, pouco mais que nada se conhecia da pré-história goiana.

Naquele momento grande parte dos Estados litorâneos do Brasil já havia conseguido um primeiro panorama de sua pré-história, resultado de sete anos de pesquisa intensa, coordenada e sistemática. A partir desses resultados, se começava a olhar para o interior do Brasil em busca de explicações. Goiás, que confina com uma parte desses Estados e, se localiza no centro do Brasil, passou a ser visto como área importante na qual, deveriam ser encontradas, pelo menos, algumas das respostas para os problemas levantados no litoral.

Os conhecimentos buscados nas áreas litorâneas, referiam-se à tecnologia desenvolvida pelos habitantes pré-históricos, em confronto com o ambiente, suas formas de abastecimento e os padrões de assentamento resultantes, juntamente com a razão das mudanças e das migrações. Objetivos históricos marcavam fortemente essas pesquisas, as quais se preocupavam com a distribuição temporal e espacial dos fenômenos e uma metodologia adaptada ao tratamento destes problemas havia sido desenvolvida.

Dentro dessa perspectiva, surgiu o "Programa Arqueológico de Goiás", visando fornecer dados comparáveis e complementares aos conseguidos nos demais Estados.

Com o desenvolvimento das pesquisas, surgiu uma problemática nova à qual, inicialmente, se havia dado menos atenção.

Na primeira aproximação, o objetivo primário era estabelecer um quadro da distribuição das culturas pré-históricas no tempo e no espaço geográfico, mas sem muita atenção aos problemas ecológicos propriamente ditos. Estando o "Programa" apenas no segundo ano de execução, viu-se a necessidade de tornar o levantamento mais completo, incluindo sistematicamente o estudo aprofundado do meio ambiente, dando ênfase à ecologia cultural e dando importan

BALANÇO DA ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

cia significativa a "analogia etnográfica", através de estudos de etno-história e através de estudos das populações indígenas remanescentes no Estado de Goiás e sua periferia, fatos que possibilitam a reconstituição das culturas de forma mais abrangente.

O Programa Arqueológico de Goiás, está sub-dividido em três sub-programas básicos e oito projetos de pesquisa, assim distribuídos:

a) SUB-PROGRAMA AMAZONIA LEGAL GOIANA

- Projeto Extremo Norte
- Projeto Ilha do Bananal
- Projeto Médio Tocantins

b) SUB-PROGRAMA REGIÃO SUL DE GOIÁS

- Projeto Alto Tocantins
- Projeto Alto Araguaia
- Projeto Paranaíba
- Projeto Complementar Centro Sul

c) SUB-PROGRAMA SERRA GERAL

- Projeto Serra Geral

PROJETO ANHANGUERA DE ARQUEOLOGIA

No ano de 1975, o Museu Paulista da Universidade de São Paulo e o Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Goiás, afirmaram um convênio do qual resultou o "Projeto Anhanguera de Arqueologia - Goiás", cujo início foi marcado com a realização de um curso sobre Introdução à Arqueologia Brasileira, ministrado por arqueólogos da Universidade de São Paulo e Museu e História Natural do Instituto de Paleontologia Humana de Paris - França, seguiram-se às pesquisas de campo.

O Projeto tem como objetivo, estudo referentes à "implantação do homem na Região Centro-Oeste".

Abrange duas regiões arqueológicas; a de Rio Verde (GO-RV) e a de Niquelândia (GO-NIO).

O Projeto tem como patrocinadores: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); Fundo de Incentivo à Pesquisa Técnico-Científica (FIPEC) no Banco do Brasil e a Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior (CAPES).

A coordenação está sob a responsabilidade da Profa. Dra. Margarida Davina Andreatta, arqueóloga do Museu Paulista da USP.

PROJETO BACIA DO PARANÁ

O "Projeto Bacia Hidrográfica do Paraná", surgiu em 1975, tendo em vista a necessidade urgente de dar prosseguimento às pesquisas arqueológicas nesta região. Segundo seus executores os objetivos se resumem em reconhecimento, cadastramento e estudo de sítios arqueológicos, com a determinação das suas potencialidades e estado de preservação: a escavação sistemática de sítios selecionados; a documentação exaustiva da arte rupestre; a definição dos contextos ecológicos em que se inserem; a atualização técnica e metodologia; a expansão dos recursos e registros fotográficos disponíveis; e a organização de coleções-tipo com registros detalhados. Pretende-se com isto o estabelecimento de uma seqüência cronológica e cultural para as áreas estudadas, determinação de rotas e padrões de ocupação pré-históricas e pós-européia, fixação de fases, estilos e tradições, processos de aculturação, declínio cultural e derivação cultural, buscando-se correlacionar estes dados com as populações indígenas que habitaram as áreas já em período de contato.

Os órgãos executores são a Universidade Federal de Goiás e Instituto Superior de Cultura Brasileira - Rio de Janeiro.

A coordenação está a cargo do Professor Alfredo Mendonça de Souza.

CADASTRAMENTO

É muito difícil precisar a quantidade de sítios arqueológicos pesquisados e cadastrados no Estado de Goiás, isto por que dois Projetos em execução carecem de uma coordenação local e de laboratórios específicos para processamento, por isso parte do material é levado para fora do Estado e, a parcela que fica não tem recebido um tratamento sistematizado. Esses fatos, associados à falta de arquivos ou a não disponibilidade destes, concorrem para que haja certa pulverização dos conhecimentos e impedem maior

BALANÇO DA ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

controle, mesmo porque as publicações além de escassas e irregulares, quase sempre omitem dados relativos a cadastros.

Os dados referentes ao cadastro de sítios, do "Programa Arqueológico de Goiás" e outras pesquisas do Instituto Goiano de Prê-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás, podem ser conseguidos em seus arquivos abertos ao público interessado. Já os dados referentes a cadastramento de sítios dos dois Projetos que a Universidade Federal de Goiás desenvolve por intermédio de convênios, foram difíceis de serem conseguidos.

Os que utilizamos nesta organização, foram nos passado por intermédio de especial atenção do Prof. Acary de Passos Oliveira.

Com base nestes dados, pudemos constatar que até o presente momento foram cadastrados 404 sítios arqueológicos em Goiás. Desses, 301 foram pesquisados pelo Instituto Goiano de Prê-História e Antropologia - IGPA da Universidade Católica de Goiás - UCG, em convênio com o Instituto Anchietano de Pesquisas - IAP, sendo que algumas amostras se encontram no Instituto Anchietano de Pesquisas, mas o arquivo central e controle estão em Goiânia. Foram pesquisados 103 sítios, através da Universidade Federal de Goiás, em convênio com o Museu Paulista da Universidade de São Paulo - USP e o Instituto Superior de Cultura Brasileira.

A falta de maiores informações, entre os pesquisados, tem provocado alguns problemas de cadastramento, que precisam, com certa urgência de uma solução. Esses problemas se referem a repetição de uma mesma sigla e número, para sítios diferentes.

De um modo geral os sítios cadastrados podem ser assim agrupados:

SIGLA	INSTITUIÇÃO	QUANTIDADE	NUMERAÇÃO
GO.RV	IGPA, IAP, UCG	81	de 01 a 81
	UFG.....	13	de 01 a 13(+)
GO.PA	IGPA, IAP, UCG	04	de 64 a 67
	UFG.....	64	de 01 a 63a
GO.CP	IGPA, IAP, UCG	46	de 01 a 42
	UFG.....	-	-
GO.NI	IGPA, IAP, UCG	44	de 21 a 64
	UFG.....	08	de 01 a 08
GO.CA	IGPA, IAP, UCG	03	de 02 a 04
	UFG.....	01	01
GO.RS	IGPA, IAP, UCG	04	de 01 a 04
	UFG.....	-	-
GO.CB	IGPA, IAP, UCG	-	-
	UFG.....	17	de 01 a 17
GO.JU	IGPA, IAP, UCG	56	de 01 a 56
	UFG.....	-	-
GO.JA	IGPA, IAP, UCG	31	de 01 a 30
	UFG.....	-	-
Estado da Bahia área do Projeto Serra Geral	IGPA, IAP, UCG	32	de 01 a 32
	UFG.....	-	-
TOTAL	IGPA, IAP, UCG	301	
	UFG.....	103	
TOTAL GERAL	404 Sítios	

(+) Numerações repetidas

Para cadastramento, foi utilizada a "Carta Arqueológica" elaborada por Edna Luisa de Melo e Judite Ivanir Breda em 1972.

Dos sítios cadastrados 21 estão localizados na Amazônia Legal e o restante abaixo do paralelo 13º.

BALANÇO DA ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

LABORATÓRIO DE PESQUISA EM GOIÁS

A Universidade Católica de Goiás, possui um bem montado Instituto de Pesquisa que é o Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, com uma equipe de pesquisadores, dez laboratórios para análise arqueológico e outros procedimentos ligados a complementação da pesquisa em arqueologia. Possui ainda biblioteca, rico acervo etnográfico de material audio-visual, auditório e sala de aula, onde funciona cursos a nível de pós-graduação, uma boa infraestrutura para pesquisas de campo, como equipamentos, condução e depósito para acomodação das coleções.

As pesquisas antropológicas e arqueológicas na Universidade Católica de Goiás, fazem parte de uma política global de pesquisa e pós-graduação e constitui importante instrumento de ação para a concretização do "Projeto da Universidade".

O Instituto edita regularmente a revista "Anuário de Divulgação Científica, além de publicações avulsas.

A Universidade Federal de Goiás, processa seu material nas dependências do laboratório de Química no Instituto de Química e Geociências.

PRINCIPAIS RESULTADOS

- Caçadores - Coletores
- Paleoíndio

O horizonte paleoíndio é definido como sendo um conjunto de culturas antigas que vão até uma primeira mudança climática maior depois do final do pleistoceno. Em Goiás, aparece de forma muito bem definida e, em algumas áreas como nos abrigos do Sudoeste do Estado, o material lítico aparece associado com uma série de outros elementos, como restos de alimentos, fogueiras e outras estruturas que permitem vislumbrar aspectos importantes da vida desses grupos, como também fornece elementos para reconstrução do ambiente. Dessa forma, o estudo do paleoíndio em Goiás tem contribuído em muito, para a compreensão de maneira mais clara da ocupação antiga do Brasil.

Os sítios que caracterizam esse horizonte, aparecem

abrigo e em áreas abertas e, compreendem basicamente um período de tempo compreendido entre 11.000 a 9.000 ano AP.

Os abrigos são localizados em sua maior parte na bacia do Paranaíba, mas ocorre também na bacia do Rio Tocantins e na bacia do Rio São Francisco, (área também estudada pelo Programa 'Arqueológico de Goiás) as áreas abertas, aparecem no Sudoeste de Goiás, na bacia do Paranaíba, na parte alta do Rio Araguaia, na bacia do Tocantins, próximo à Cidade de Planaltina e também na bacia do São Francisco no oeste do Estado da Bahia (área estudada pelo Programa Arqueológico Brasileiro de Goiás).

O instrumental lítico que caracteriza esse horizonte, é constituído por uma indústria bastante uniforme, de raspados res plano-convexo unifaciais, de tamanho variado, estando estes as associados ao trabalho em peles de animais e também a outros tipos de trabalhos não específicos.

Na maior parte são feitos de lâminas, debitadas por percussão e retocadas também por percussão.

Há duas fases definidas: Fase Paranaíba e Fase Co-cal e uma, localizada no lado leste da Serra Geral ainda sem muita definição, todas entretanto pertencem à tradição Itaparica.

- Arcaico

O Período "arcaico", pode ser definido com um horizonte cultural sem cerâmica, com uma economia de subsistência onde a coleta tinha uma função fundamental. O início se situa imediatamente após o final do horizonte Paleoíndio, mas o término é difícil de precisar na maioria das áreas.

Tendo como base os estudos realizados no Sudoeste de Goiás, propomos que o período "arcaico" seja dividido em dois estágios: inferior e superior.

O estágio inferior, corresponde às ocupações do final do paleoíndio até o "otimum climaticum", representa maior estabilidade na ocupação dos abrigos e os grupos têm uma alimentação na qual, o peso dos moluscos dulciaquícolas é de real importância.

O estágio superior, corresponde aos grupos que também utilizavam os abrigos sob rochas, mas não com a estabilidade do estágio inferior, os produtos da coleta vegetal exercem na

BALANÇO DA ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

alimentação papel fundamental.

A indústria lítica pode ser caracterizada por lascas debitadas por percussão, não havendo grande ocorrência de instrumentos definidos.

Ainda não temos elementos suficientes para estabelecer grandes tradições tecnológicas, para o arcaico das áreas interiores de cerrados, campos e caatingas. Entretanto, pelo menos três fases podem ser vislumbradas para o Estado; Fase Serranópolis, Fase Paranã e Fase Terra Ronca. A primeira foi estabelecida pelo "Programa Arqueológico de Goiás", o restante pelo "Projeto Paranã".

- Horticultores

Por volta de 4.000 anos AP. , já encontramos vestígios de grupos horticultores no Estado de Goiás, localizados no curso médio do Rio Tocantins e que marcam claramente uma fronteira entre os grupos de tradição Leste/Nordeste com os grupos de tradição Amazônica. Os demais grupos, localizados no Centro/Sul, são cronologicamente mais recentes e estão muito mais ligados aos grupos do nordeste e do sul do Brasil.

Os sítios arqueológicos desses grupos ceramistas são em sua maioria, localizados em manchas de solos férteis associados a um tipo de vegetação exuberante, local onde se desenvolviam as roças. Em certos lugares, como a micro-região homogênea conhecida como Mato Grosso de Goiás a densidade desses sítios, chega a ser muito forte. Até o momento, são classificados 5 grandes tradições com várias Fases, outras Fases entretanto, não foram ainda agrupadas em tradições.

- TRADIÇÕES DEFINIDAS

- Tradição Aratu

- Fase Mossâmedes - Datas variando de 1.140 anos AP., a 960 anos AP - abrange a região do Centro-Sul do Estado, com grandes aldeias em campo aberto.

- Fase Tejuacu - Localizada no nordeste do Estado, tendo a cerâmica, as mesmas características da Fase Mossâmedes.

- Tradição Uru

- Fase Aruanã - Datas entre 760 anos AP., a 690 anos AP., localizada no vale do baixo Rio Vermelho e na parte alta da Rio Araguaia.

- Fase Itapirapuã - Localizada na parte alta e média do Rio Vermelho, afluente do Rio Araguaia.

- Fase Jaupaci - Localizada ao longo do vale do Rio Claro, afluente do Araguaia.

- Fase Uru - Datas entre 680 anos AP., a 530 anos AP., localizada no vale do Rio Uru, formador do Alto Tocantins.

- Fase Uruaçu - Localizada sobre os afluentes da margem esquerda do rio das Almas, Bacia do Tocantins.

-Tradição Sapucaí

- Fase Itaberaí - Localizada no sudoeste do Estado, bacia do Paranaíba e alto Rio Uru, bacia do Tocantins.

- Tradição Una

- Fase Jataí - (Litocerâmica), datada em torno de 1.000 anos AP., localizada no Sudoeste do Estado.

- Fase Palma - (litocerâmica), localizada no nordeste do Estado de Goiás.

- Sub-Tradição Pintada

- Fase Iporã - Datada em torno de 620 anos AP., a 510 anos AP., localizada ao longo dos vales do Rio Claro bacia do Araguaia e do Rio Claro bacia do Paranaíba.

- TRADIÇÃO NÃO DEFINIDA

- Fase Pindorama - Datada em torno de 4.000 AP., localizada no vale do curso médio do Rio Tocantins.

- Cerâmica - Do lado da Bahia em grutas e em áreas abertas - sem definição.

BALANÇO DA ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

- Arte Rupestre

No que concerne a Arte Rupestre o Estado de Goiás apresenta-se particularmente rico tanto em relação às pinturas e petroglifos quanto a variedade de estilos, distribuição e quantidade de sítios.

Até o presente momento foram identificado 8 áreas principais.

- SERRANÓPOLIS

Situado no centro do Planalto Brasileiro, na região sudoeste do Estado de Goiás, área inserida em um ecossistema típico de cerrado com variações locais para campo, apresenta aproximadamente quarenta abrigos de dimensões variadas, a maior parte com indícios de ocupações humanas antigas. Esses abrigos freqüentemente apresentam pinturas nas porções mais resistentes e quartzíticas das paredes e tetos dos abrigos e petroglifos onde a rocha é mais friável e apresenta uma menor resistência a abrasão.

O estilo das pinturas da área denominada de Serranópolis, caracteriza-se por pinturas freqüentemente monocrônicas na cor vermelha, elaborada a partir de matéria prima mineral.

Representam zoomorfos típicos da região como lagartos, emas, araras, de dimensões variadas, geralmente estáticos e algumas vezes justapostos.

Ocorrem ainda geométricos de formas variadas e figuras antropomorfos que são raras.

2- CAIAPÔNIA

Situada na bacia do Rio Caiapó, entre o Rio Bonito e o Córrego do Ouro, a área inserida em um ecossistema típico de cerrado, com variações locais para mata, apresenta cerca de 45 abrigos, em geral de pequena dimensão, muitos deles mais apropriados à cerimônias do que propriamente a ocupação, já que a área útil dos abrigos é pequena, dando abrigo a possivelmente uma família.

O estilo de pintura denominado Caiapônia caracteriza-se basicamente pelo movimento, criatividade e liberdade de expressão.

As pinturas encontram-se na parede e teto dos abrigos, predominantemente na cor vermelha ocorrendo ainda o preto e o amarelo e raras figuras policrômicas. A matéria prima para elaboração das tintas é de origem mineral.

Ocorrem representações de animais, cenas da vida do cotidiano, grande quantidade de antropomorfos bem delineados, zoomorfos e geométricos.

As cenas apresentam uma riqueza muito grande com representação de caça, iniciação, ritos, abastecimento, etc., inclusive cenas de animais com macacos em círculos ou piracemas.

Os geométricos, bastante frequentes na área, ocorrem frequentemente em locais de acesso mais difícil e como elemento decorativo em abrigos pequenos. Caracterizam-se por uma identificação geral com figuras irregulares, muitas delas sem uma forma característica, constituindo-se algumas vezes em aglomerados de traços curvos e retos.

As pinturas do estilo Caiapônia, provavelmente estão relacionadas aos grupos pré-cerâmicos que ocuparam a área a partir dos últimos 11.000 anos. Apresenta alguns elementos da Tradição Planalto e algumas semelhanças também com a Tradição Nordeste.

3- FORMOSA

Situada sobre os divisores de águas dos Rios Tocantins, Paranã e São Francisco, a área de Formosa, inserida em um ecossistema de cerrado com mata próxima, apresenta cerca de 29 grutas de pequena dimensão desenvolvidas em um conjunto calcáreo, com características típicas de formações carsticas como salas, estalactites, sorvedouros e chaminés.

As pinturas existentes em sete dos abrigos, ocorrem nas paredes e tetos em alturas variáveis, em superfícies lisas e irregulares.

O estilo é caracterizado por figuras monocromáticas,

BALANÇO DA ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

em tons variados de vermelho, preto, e raramente associação de duas cores.

A técnica de tratamento utilizada varia, ocorrendo puntiforme tracejado, linear contínuo, linear cheio e silhueta.

4- MONTE DO CARMO

Situada em uma região de serra, próximo a cidade de Monte Carmo na margem direita do Rio Tocantins, a área está inserida em um ecossistema de cerrado, próximo a mata.

O estilo representado nas paredes dos abrigos é caracterizado por gravuras simples, preenchidas com pinturas nas cores vermelho até o preto, formando sulcos paralelos ou cruzados de formas variáveis.

Esse estilo pertence a tradição que ocorre próximo à cidade de Porto Nacional, na beira do Tocantins e no Abrigo do Sol em Mato Grosso.

5- JARAGUÁ

Situada no Município de Jaraguá, dentro da bacia do Rio das Almas a área inserida em um sistema do cerrado com mata próxima, constitui zona de ocupação de grupos agricultores da Fase Mossamedes que ocuparam a borda inferior da Serra do Caiapô, da Serra Dourada e da Serra do Pirineus.

Na área onde ocorre a fase Mossamedes a única sinalização rupestre corresponde a uma gravura em um sítio localizado no Município de Jaraguá.

A gravura formada por sulcos em um extenso lajedo constituído de arenito.

O estilo caracteriza-se pela representação de antropomorfos, simples, bastante estilizados, com figuras masculinas, femininas e possíveis crianças e talvez cenas.

Não há uma confirmação, mas sim uma grande possibilidade de que os autores do painel sejam agricultores da Fase Mossamedes, que constituíam a aldeia próximo ao bloco.

6- ITAPIRAPUÃ

Situada no Município de Itapirapuã e Jussara, na margem esquerda do Rio Vermelho a área inserida em um ambiente de cerrado, próximo a mata está relacionada a ocupação de agricultores de tradição Amazônica, onde ocorrem três sítios de gravuras elaboradas sobre lajedos e blocos de granito.

O estilo é caracterizado pela representação de geométricos e zoomorfos estilizados de grandes dimensões, possivelmente cobras.

Gravuras semelhantes em lajedos são bastante comuns nas bacias do Araguaia e do Tocantins.

7- CORRENTE

Situada próximo a cidade de Santa Maria da Vitória, na bacia do Rio Corrente a área inserida em um ecossistema de caatinga apresenta uma série de grandes abrigos desenvolvidos em uma sequência calcárea, com formações típicas de relevo carstico, porém, poucos apresentam condições da ocupação.

O estilo da pintura da área denominada de corrente é caracterizado pela predominância de geométricos bem elaborados e definidos frequentemente policrômicos apresentando as cores preto, amarelo e vermelho. A forma de representação é o traço cheio, a figuras cheias ocasionalmente com contorno de cor contrastante.

Supõe-se para essas pinturas uma idade antiga já que frequentemente estão cobertas por formações de estalactites e fungos.

Ocorrem ainda nesses abrigos, um segundo conjunto de idade mais recente que se encontra nas descamações, com representações filiformes, geométricas e antropomorfas estilizados na cor preta.

Pelas suas características gerais e semelhanças, tanto na forma de representação quanto ao ambiente no qual se insere, esse estilo, está relacionado com a Tradição São Francisco que ocorre ao longo da Calha do Rio São Francisco nos Estados da Bahia e Goiás.

BALANÇO DA ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

8- CHAPADA DOS VEADEIROS E VALE DO PARANÃ

Situada na bacia do Rio Paranã, na sua porção média, abrangendo ainda a chapada dos veadeiros, na área inserida em um ecossistema de cerrado associado a matas apresenta grutas e lajes nos quais constata-se a existência de Petroglifos.

Segundo alguns, o estilo das gravuras no Vale do Paranã é caracterizado pela presença de motivos abstratos, predominando geométricos e alguns realistas como pegadas de animais.

São representações estáticas, cuja técnica de execução é a do polimento, com raros exemplares picoteados.

Os petroglifos elaborados sobre lajes de arenito apresentam dimensões variáveis e uma grande diversidade de formas.

PUBLICAÇÕES

De 1972, ano em que se iniciaram sistematicamente as pesquisas arqueológicas em Goiás, até 1982, foram publicados cerca de 50 títulos - sobre os resultados dessas pesquisas - sendo que o Programa Arqueológico de Goiás foi responsável pela publicação de 44 títulos, o Projeto Bacia do Paranã: 3 títulos e o Projeto Anhangüera: 1 título ; existem mais 2 títulos avulsos.

BAIXADA DA ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

8 - EXHIBIÇÃO DOS VEDETELOS E VALE DO PARANÁ

Situada na base do Rio Paraná, na sua porção mé-
 dia, abrangendo ainda a chapada dos vedeteiros, na área inserida em
 um sistema de cerrado associado a matas representadas pelas e faja
 dos nos quais constata-se a existência de Petrópolis.
 Segundo alguns, o estilo das gravuras no vale do
 Paraná é caracterizado pela presença de motivos astecas, predomi-
 nando geométricos e alguns realistas como pegadas de animais.
 São representações astecas, cuja técnica de ex-
 coção é a do polimento, com raras exceções pictóricas.
 Os petróglifos elaborados sobre lajes de arenito
 apresentam dimensões variáveis e uma grande diversidade de formas.

PUBLICAÇÕES

De 1975, ano em que se iniciaram sistematicamente as
 pesquisas arqueológicas em Goiás, até 1985, foram publicados 207
 os de 50 títulos - sobre os resultados dessas pesquisas - sendo
 que o Programa Arqueológico de Goiás foi responsável pela publica-
 ção de 44 títulos, o Projeto Base do Paraná: 3 títulos e o proje-
 to Anhangá: 1 título; existem mais 5 títulos avulsos.